

Secretário é vaiado na invasão

Favelado pede moradia e dispensa dinheiro para passagem de volta

“Fora, fora, queremos moradia”. Assim os cerca de 2 mil favelados da 110 Norte receberam o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, em sua “missão de convencimento” para que eles deixem o local sem que seja necessário o uso da violência. Houve muito tumulto pela manhã na favela e diante da sugestão oferecida pelo governo, para que os favelados aceitem o dinheiro da passagem para retornarem para sua terra de origem eles responderam em coro: “O governador José Aparecido é quem precisa sair de Brasília e voltar para Minas Gerais, de onde nunca deveria ter saído”.

A revolta dos favelados com o GDF pela falta de uma política de habitação que atenda suas necessidades ficou bem clara nas manifestações de protesto que eles fizeram ontem com a chegada do secretário Adolfo Lopes. Muitos não conseguiram conter o pranto, outros gritavam, as crianças choravam e dezenas de mulheres pediam em nome de seus filhos para que o governo lhes desse um lugar para morar.

Várias entidades que compõem o Conselho Popular do DF (sindicatos e associações de moradores) compareceram à favela em solidariedade aos moradores. Também a Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF, se fez presente através do secretário-geral da Comissão de Direitos Humanos do órgão, Esdras Dantas de Souza, que estacionou no local uma Kombi da Fundação de Assistência Judiciária da OAB para cadastrar as pessoas e assim poder dar entrada na Justiça com um mandado de segurança contra o despejo, que de acordo com o GDF terá início a partir da próxima segunda-feira, dia 15. Em poucos minutos, centenas de pessoas se aglomeraram em frente ao veículo na tentativa de evitar a ação de despejo.

O objetivo da comissão da OAB é encaminhar ao juiz de plantão deste fim de semana a listagem com os nomes dos favelados e os números de seus barracos, para tentar impedir a remoção deles. De acordo com Esdras Dantas “o governo tem o dever de assentar os moradores da invasão da 110 Norte, porque houve uma terrível negligência dele ao permitir que a favela crescesse desordenadamente em menos de um ano. Agora, como há famílias que residem na área há mais de seis

anos vamos entrar com uma ação de posse junto aos proprietários do terreno, que são a Universidade de Brasília e a Caixa Econômica Federal. Apenas eles tem o direito de pedir a saída do pessoal e o GDF não tem que se envolver nesta questão”, defendeu o advogado.

No entanto, o secretário Adolfo Lopes não se sensibilizou com as manifestações contrárias à sua tentativa de “convencer” os favelados a saírem pacificamente do terreno “missão” de Lopes tem até domingo para encontrar uma solução pacífica. Caso contrário, a partir da segunda-feira a Secretaria de Segurança Pública vai usar seu efetivo humano e cães amestrados, além de contar com os tratores e caminhões da Terracap para remover as cerca de duas mil pessoas.

DIFICULDADES

Durante a conversa com as pessoas, pela manhã, Adolfo Lopes lhes prometia fazer de tudo para evitar a violência, mas que não poderia se comprometer com o futuro deles caso resistissem em sair. “O GDF vai colocar caminhões à disposição de vocês a partir da segunda-feira e quem desejar o dinheiro para a passagem de volta à sua cidade de origem pode se cadastrar no Centro de Desenvolvimento Social de Brasília que nós vamos providenciar”. Em resposta, as pessoas gritavam “vá embora e dê-nos moradia”.

Toda a peregrinação de Adolfo Lopes foi acompanhada por centenas de pessoas, entre crianças, homens e mulheres. A vice-presidente da Associação dos Moradores da Invasão da 110 Norte, Maria Cruz, também participava das visitas individuais aos barracos, orientando os moradores a não se comprometerem e tampouco a assinarem qualquer documento afirmado que deixariam a favela. “Não vamos aceitar estas propostas descabidas. Queremos que o GDF nos dê um lote com infra-estrutura para morar”, reclamava Maria Cruz.

Lopes chegou na 110 Norte às 9h e uma hora depois já apresentava sinais de cansaço, mas, assim mesmo, adiantou para as pessoas que “iria continuar o trabalho e que, se preciso fosse, não pararia para almoçar nestes três dias para ganhar tempo e poder percorrer os mais de 500 barracos”. “Os favelados vão ter que sair do local de qualquer jeito e é melhor que eles saiam por bem”, afirmou ele.